

POEMAS

Thaise Dias¹

A casa

Para Ferreira Gullar

Eram muitos os habitantes da casa
Três homens
Duas mulheres
Um gato
Dois homens se foram
As mulheres também
E quando o gato morreu
A casa estava a um passo de Deus
E lá ficou um homem só
A empilhar os signos
A construir a vertigem da forma
E por generosidade
Veio morar com ele uma aranha
A aranha tece o silêncio da casa
E o homem faz da ausência
Um poema escrito nas areias de
Copacabana

¹ Mestranda em Letras/Estudos Literários da Unimontes. thaisediaz@yahoo.com.br

Eras

Há séculos ando arrastando
o tempo acorrentado a minha cintura
Prisioneira daquilo que sou
Só afirmo minha genealogia
porque meu avô
repete insistentemente que minha
natureza é o açude
Por sua causa suportou o curso das
águas
e ainda caminho sobre elas
tentando disfarçar meu sotaque e o
meu cheiro de especiarias
Difícil
é esconder meu rosto de eras
E esta fome insaciável de amor

Guatemala

Se acaso eu não fosse quem sou
No lugar da flor
Inseto
Da floresta
Deserto
Se acaso
O córrego não fosse do encantado
E meu corpo não fosse empírico
No lugar do sono
Insônia
Se acaso
Meu cabelo fosse crespo e
eu fosse platônica
E não Parintintim
Se acaso
Outra língua me dominasse
E
Eu
fosse astronauta
No lugar do pão
Meteoros
Se acaso aqui fosse a Guatemala

Romaria

Conheço todo percurso
que este bonde faz
Fatigada persigo a cada estação
Uma ausência
Morte lenta
Borboleta na garganta
Violência e calma
Um satisfazer-se
Nestes trilhos de tal romaria
Demente e santa
Canto o desafinado desses dias
Punhal de prata a luzir
No escândalo da lua

Dragões e Flores

Do topo desta tarde melancólica
Vislumbro um olhar
Olhar mundo
Abarcando o sentido e a ausência

Tarde dragão
A lançar fogo sobre os restos mortais
depositados ali por segurança
E para posterior visitaçã
Pedacos de inocência
Lamentos de amor
Fome

Um lugar para o não-eu
Terceiro olho
A queimar nas chamas desta tarde
Em vão

Animot

Em busca da medida certa
Transbordo
Imersa em minha desmedida solidão
Cavo a unha as paredes que me
prendem
no calabouço da forma
Enquanto os doces bárbaros
sangram com sua faca amolada
a praia de Copacabana
Eu,
Animal sem fábula
escuto a voz de
Velhas memórias
Traças insistentes
A devorarem a suposta paz do
esquecimento

Língua de Fogo

Duque não mora comigo é outra,
a casa que o abriga
A primeira – Festa da ilha
Desventura
Das luas que em mim clareiam
Desenho na noite seu rosto
E guardo-o na distante perdição do
meu verso
Que faz ao chegar a casa?
Casamuro
Guardo transfigurado seu rosto de
metáforas e a mancha do vinho
na incoerência do querer em mim
De amá-lo tanto. Sem amargura.
E só, como a lua nos bosques
dessas ruas por onde andamos
Sem dar as mãos
Cantando a in-justa ordem do poema
Quando uma língua de fogo Lasciva
e luminosa Lambe a palavra
E já não há como dizer o não dito:
Escrevo na carne um lírio